



Escrever Para o Teatro

José Ronaldo Falleiro

Na FNAC da rue de Rennes, em Paris, além de comprar-se livros, discos e aparelhos fotográficos com vinte por cento de desconto, pode-se subir ao segundo andar e, no auditório, participar de encontros com escritores, autores de teatro, etc., onde se discutem os mais variados temas — do desenho animado aos contos infantis, da religião de um povo antigo a como envelhecer, etc. Foi nesse contexto que se realizou, durante uma hora e meia (das 18h às 19h 30min) o encontro com Roger Planchon, num debate sugerido pela apresentação de sua peça *Gilles de Rais*, no Théâtre National de Chaillot.

Autor de doze peças em quinze anos (entre elas, *Le cochon noir*, *La remise*, *L'infâme*, editadas pela Gallimard), Roger Planchon é conhecido talvez sobretudo por suas excelentes direções teatrais. É verdade que sua montagem de *A. A. Théâtres d'Arthur Adamov*, que precedeu *Gilles de Rais* no palco de Chaillot, é um espetáculo pouco unitário, longo, onde a direção dos atores deixa a desejar (nesse aspecto, *Gilles de Rais* consegue ser infinitamente pior, embora cenicamente tenha a grande qualidade de ser representada num espaço que elimina o palco tradicional: o espetáculo se desenrola sobre volumes que imitam rochas, imensidões que se abrem para o vazio, pontes, etc. — procedimentos, aliás, já prenunciados por Adamov).

SOBRE A ESCRITA DRAMÁTICA

Nesse fim de tarde, Planchon falou principalmente a respeito das suas peças, da sua realidade de dramaturgo, de escritor para o teatro. "Quando escrevo, escrevo sempre para um ator, esteja ele vivo ou morto". Pensar naquele que daria vida às palavras e situações que ele imagina, ajuda-o a criar. E a sua experiência como diretor de teatro, onde fica? "Nunca escrevo uma peça pensando em como ela vai ser encenada. Isso me bloquearia. O que sei sobre a direção teatral tende a me frear quando escrevo; o que sei sobre os atores, ao contrário, me ajuda em minha escrita".

Durante muito tempo, aliás, ele usou a seguinte tática: 1) escrevia num jato, rapidamente; 2) mostrava o que havia escrito — a

peça ainda não terminada, um esboço — aos seus atores; 3) os atores diziam o que lhes parecia. — Mais tarde, abriu a experiência a outras pessoas do seu círculo (professores, intelectuais, conhecidos, etc.). Mas o que lhe davam essas pessoas não o ajudava em nada. Porque elas queriam logo ver a significação (psicológica, sociológica, etc.) do que liam, enquanto que os atores se identificavam com um, dois, até quatro personagens, e diziam ao autor de *Gilles de Rais* quando é que o personagem deixava de ter existência como personagem ou quando continuava a tê-la. "Não se trata de dizer que os atores são superiores aos outros, mas devido a isso eles me ajudam mais que os outros".

Como trabalhar o ator? E o que é *distanciamento*? "O assunto é muito complexo, não temos tempo para tratá-lo aqui", respondeu Planchon à pergunta de um jovem japonês. Mesmo assim, disse que "um ator é uma memória antes de ser uma sensibilidade" (Jean Dasté, com quem trabalhou Planchon, diz em seu livro *Voyage d'un comédien*, p. 50: "(...) improvisar sempre (o que só se pode conseguir quando se tiver dominado a memória e toda a seqüência dos movimentos cênicos...) (...). Exemplificou com o protagonista de *Gilles de Rais*, representado por Michel Bouquet, que durante os ensaios acumula o máximo de informações sobre o texto, as situações, a obra (evidentemente, essa memória a que se refere não significa apenas saber o texto de cor). Lamentavelmente, a atuação de Michel Bouquet não reforça positivamente a afirmação de Planchon, em si mesma muito propícia a uma série de equívocos.

ENCENADOR/AUTOR

Um bom encenador é alguém que dá perspectiva a uma peça, segundo Roger Planchon. Ora, quando o próprio autor dirige a sua peça, tem muita dificuldade em fazê-lo. Por que, então, Planchon se obstina em montar as suas próprias peças, e até impede os outros de levá-las à cena? Porque dirigí-las é (também) um ato de escrita: as três primeiras semanas de ensaio de uma peça sua fazem-no progredir como dramaturgo: são o embrião de uma melhora no conhecimento da escrita, que será expressa não nesse espetá-

culo, imediato, mas na sua próxima peça, aquela que ainda não foi posta no papel. Para ele, todo espetáculo compreende três momentos: 1) a leitura com os atores; 2) a colocação no espaço; 3) a negociação com o real (adequação do que RP pensou como escritor e as contingências do real — por exemplo, tal ator tem ou deixa de ter a barriga que convém ao personagem, e é preciso retrabalhar a partir disso, etc.).

"Por que dirijo minhas peças? Para aprender a escrever. Por causa do meu trabalho como escritor". Portanto, dirigir & escrever não lhe parecem duas coisas *incompatíveis, mas, ao contrário, complementares*. É verdade, porém, que o público e os críticos (especialmente em Paris, porque em Villeurbanne, um arrabalde de Lyon, "as coisas são um pouco diferentes"), em geral elogiosos quanto a seu trabalho como diretor, são reficentes quanto a suas peças, a seu trabalho como autor. "O público quer autores modernos, sempre menciona que precisamos de autores novos. Mas o público não gosta dos novos autores". Por que eles estão muito adiantados para a sua época? Por que só serão reconhecidos mais tarde, quando o primeiro impacto tiver passado? Assim parece acontecer com Planchon: *L'infâme* foi considerada um escândalo na época em que estreou, e atualmente, passados vários anos, é vista como "uma boa peça".

TEORIA/PRÁTICA

Sempre tão sensível ao que pensam do que faz ("cada vez que monto uma peça minha e leio o que dizem sobre ela, fico "na fossa" — "je touche le fond de la piscine" — durante os oito primeiros dias. Mas não se preocupem: volto à tona"). Planchon não pretende ter resposta a todas as questões. "Não sou um teórico. Brecht era um teórico monumental. Foi escritor, diretor, teórico. Escreveu uma estética para rivalizar com a de Hegel. Tenho muito medo disso. A parte teórica de Brecht "pregou uma porção de peças" no poeta, prejudicou-o. Quanto a mim, o que escrevi de teoria escrevi para mim mesmo. E vou queimar antes que aconteça alguma coisa. Porque a teoria deve ser apenas um andaime. Mas a teoria codificada, sistematizada, tende a tornar-se

morta, um monumento. Como autor, faço uma coisa que é contrária a toda a teoria clássica francesa; inspiro-me nos elizabetanos. Uma peça de Shakespeare em geral contém uma história com três histórias, uma história que é contada três vezes. Ela é contada uma vez, depois há uma segunda intriga, e mais outra. Por razões poéticas, na França não se está acostumado a isso. Senão, o que parece confuso, em minha obra, pareceria poético, espero..."

ESPETÁCULO/TEXTO

Declarando-se um homem de espetáculo, que no início de sua carreira pensava que passaria facilmente do teatro ao cinema e vice-versa, Roger Planchon confessa que as coisas tomaram um rumo para ele inesperado. Ao começar a escrever um roteiro para o cinema, percebeu que estava escrevendo uma peça para o teatro. Em vez de escrever o seu primeiro filme, escreveu a sua primeira peça. Desde aí, a procura da especificidade da escrita teatral ocupa o centro de suas atenções: "Passo três, quatro horas pensando nisso, cada noite. Estou convencido de que há leis secretas da escrita teatral. É muito complicado encontrá-las, procurá-las. É como, para os alquimistas, encontrar O Ouro. Isso ocupa toda a minha vida". E acrescenta: "Os diretores de teatro da minha geração não se interessam por isso. Estão voltados para uma pesquisa cênica, não para o texto. Através da História, o teatro sempre oscilou entre o interesse dado, por um lado, à escrita cênica (na Idade Média, havia certamente extraordinários encenadores, embora eles não se chamassem assim: tenho certeza que deviam fazer espetáculos excelentes. Mas em toda a Europa, em toda a cristandade, havia, por assim dizer, uma só peça: 'Deus expulsa Adão do paraíso', ou seja, Adão é transformado em escravo); e, por outro lado, o interesse dispensado à escrita dramaturgica" (a Renascença, Molière inscrevem-se neste item). Teria havido, também, em determinados momentos, uma síntese entre as duas tendências. É o que Roger Planchon espera estar tentando fazer. "Pode-se conhecer a fundo toda a história da marnearia e não saber fazer cadeiras. Quanto a mim, prefiro fazer cadeiras".

FERNANDO SABINO:

“Ao Criador Cabe Olhar Tudo... Como se Fosse a Primeira Vez”

Embora figure entre os maiores cronistas modernos do país, ao lado de Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Antônio Maria, Stanislaw Ponte Preta e Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino acha que a crônica acaba esgotando o escritor, o que explica as suas constantes interrupções, quando resolve partir para outras atividades. Enquanto isso, o cronista vai novamente acumulando assunto e inspiração.

“De vez em quando eu interrompo”, diz ele, “achando que é definitivo, porque cansa. A gente acaba se esgotando, ficando sem assunto. O Paulo Mendes Campos diz uma coisa que não é muito poética mas é exata: imaginação de escritor é como caixa de descarga, leva muito tempo para encher mas esvazia muito depressa...”

Uma das paradas de Sabino permitiu que ele e Rubem Braga realizassem, com a saudosa Editora Sabiá, um dos melhores trabalhos editoriais do país. A Sabiá, embora tenha nascido, como explicou Sabino, “para publicar os nossos próprios livros em condições melhores, uma coisa pequena, artesanal”, acabou editando 100 títulos, basicamente de escritores brasileiros. Entre esses títulos figuram algumas das antologias de poesia e crônica mais importantes da nossa literatura. A Sabiá foi vendida à José Olympio no momento em que “teria que dar o pulo de empresa pequena para média”.

“A editora parou porque ia até bem demais”, explica Sabino. “Chegou um momento em que ia tão bem que estava capacitada a editar três vezes mais do que editava, senão ficávamos com capacidade ociosa”. Nessa altura Sabino falou a Rubem Braga: “Ó, Rubem, nós temos que dar uma virada nisso aqui, sabe? Pra isso temos que levantar um capital por aí, entrar em outros terrenos, comprar livro estrangeiro, partir pra alguma alternativa, porque ficar só nisso não dá. Poesia e crônica, literatura brasileira, bons livros só não dá, precisamos ter uma boa base, dicionário, literatura didática,

mas pra isso a gente tem que trabalhar mais”.

— Ah, então não conte comigo — respondeu Rubem Braga.

A José Olympio cometeu, na opinião de Sabino, “o erro de absorver a Sabiá, em vez de mantê-la autônoma. Com isso acabaram com ela. É o mesmo que um grande magazine comprar uma boutique que está fazendo sucesso e transferi-lo para dentro do magazine. Fim. acabou a boutique”.

CULTURA E EMPRESA

Sabino acha que a pequena empresa editorial já não é mais possível no Brasil de hoje, por causa das “pressões das condições oficiais da economia. Você não pode subsistir mais em pequena escala. Qualquer pequena empresa é absorvida e desaparece. Hoje está industrializado demais o negócio de livro. A Editora Ática, de São Paulo, por exemplo, fez uma antologia didática com quatro cronistas (Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade) e tirou 220 mil exemplares. Distribuíram 70 mil de graça, para os professores. Quer dizer, isso é indústria mesmo”.

Sabino lembra o caso de um amigo seu que visitou uma editora nos Estados Unidos, e viu a quantidade fantástica de livros saindo, já empacotados, da boca da rotativa, caindo dentro dos caixotes e os caixotes rolando por uma esteira direto para os caminhões. Pouco depois ele viu, em outro setor, caminhões que traziam livros de volta para a editora, e observou que o livro que estava sendo devolvido para ser picado e vendido como papel velho, era o mesmo que estava sendo impresso.

O editor americano explicou que ficava mais barato fazer isso do que contabilizar as devoluções e recolocá-las na linha de venda.

Embora acentue que o Brasil ainda está longe de chegar a esse ponto, Sabino diz que fica “besta” com a quantidade de livros que se editam no Bra-

sil e se pergunta quem absorve tudo isso ao preço que é vendido. O mesmo vale para as revistas de luxo. “O Brasil tem atualmente”, afirma ele, “tantas revistas de luxo do tipo Playboy quanto os Estados Unidos”.

— Um professor francês meu amigo entrou comigo numa livraria do Rio e quase caiu pra trás quando viu os livros de bolso das Edições de Ouro com Kant, Balzac, La Rochefoucauld, Molière, Sócrates.

Situações como essa colocam o velho problema da relação entre cultura e povo, e a alienação que consiste em importar, como faz o Brasil em grande quantidade, produtos subculturais de alto consumo em outros países, principalmente os Estados Unidos. Nesse sentido, o Brasil não possui uma orientação cultural que preserve os valores do seu próprio povo.

Sabino lembrou, a respeito desse tipo de alienação, o fato ocorrido durante uma grande enchente em Minas Gerais, em que o jornal em que ele trabalhava decidiu promover uma campanha junto ao comércio, chamada “Trem da Boa Vontade”. Destinava-se a mandar um trem cheio de mantimentos e agasalhos para os flagelados. “O comércio colaborou”, lembra Sabino, “mas o único problema é que o trem acabou cheio de coisas como smokings, raquetes de tênis, garrafas de uísque, binóculos, etc.”.

CINEMA

Em outra de suas “desistências” como cronista, Sabino resolveu fazer cinema, e fundou a produtora de documentários Bem-te-vi, que “não tem nada que ver com a Sabiá, embora sejam sempre nomes de pássaros”.

A Bem-te-vi já produziu dez documentários, todos sobre nomes da literatura: Erico, Vinicius, Drummond, Manuel Bandeira. A idéia, nascida com David Neves, tomou corpo nas mãos de Mair Tavares, que faz a montagem.

Antes eu já fazia roteiros e textos para filmes comerciais, mas evitava assiná-los. Com isso, fui me familia-



rizando com o mundo do cinema. Descobri, por exemplo, que é com a montagem que se faz cinema, especialmente documentário. É fascinante trabalhar na moviola e sentir o filme nascer. Evidentemente, a fotografia tem que ser boa, mas a criatividade do ritmo é dada na moviola, onde se pode fazer ou desfazer o filme, mexendo apenas com o material que se tem. Sob o ponto de vista da carreira, no entanto, acho que o cinema está num atraso muito grande no Brasil. Como indústria, está ao nível que estavam as editoras há 20 ou 30 anos atrás. Fazer um filme de longa-metragem, e conseguir que seja exibido, mesmo que seja uma porcaria, a pessoa tem que ser vista como um herói. Cinema é um negócio muito precário no Brasil, envolve artesanato e heroísmo...”

Falta a Primeira Frase

“O Encontro Marcado” constituiu-se na época num balanço íntimo da carreira, propósitos e sentimentos de Fernando Sabino. Transcorridos tantos anos, não existiria nele a idéia de refazer esse balanço, criando-o nas bases de seu pensamento mais atualizado?

“Eu não tenho pensado em outra coisa”, Sabino admite, “e não tenho conseguido. Acho que me falta a primeira frase. Mudou o cenário, e parece que eu fiquei no palco, numa paisagem que não é mais a minha. O que estou dizendo não implica uma sentença de morte do romance, mas do romance que já foi fruto. Hoje vivemos outros tempos e uma nova dimensão. Não, não acabou o romance em si, mas está incorporado a uma nova maneira de expor idéias, fora da maneira tradicional”.

Da invejável memória, onde fatos, casos e frases soltas de autores saltam no momento e na medida exatas, Sabino extrai a citação de um jornal que dava a notícia da morte de Hemingway: “Era um homem de grande sensibilidade, que

olhava tudo como se fosse a primeira vez”.

DESCOBERTA-CRIAÇÃO

Essa frase abriu novas concepções para Fernando Sabino. A partir dela, compreendeu exatamente o sentido do que é criar. “Ao criador”, explica ele, “cabe olhar tudo como se fosse uma primeira vez. Quem faz isso é a criança. Nós, escritores e artistas de um modo geral, temos a necessidade de restituir ao homem essa inocência infantil. Temos de fazer olho-de-turista em nossa própria cidade... olhar uma pessoa, uma coisa, um acontecimento, com ineditismo, como se fosse uma primeira vez. É a mesma coisa do que olhar a mulher, pela manhã, e senti-la como se fosse a primeira vez, e tudo estivesse recém-comoçando. Eu vi que seria preciso desaprender tudo, perder os condicionamentos, os lugares-comuns, os eventuais preconceitos, desfazer-se do lixo todo, do lixo literário também. O importante é assumir a postura de quem vai se desvendar,

de quem não é dono de verdade nenhuma. É como quem vai deitar e não tem poder algum para dominar o que vai sonhar”.

Ao contrário do que faz a maioria dos autores e críticos, Fernando Sabino não compara a criação com um parto, mas com um ato de amor, onde prevalece a entrega sobre a premeditação, o ali e agora sobre o cálculo antecipado.

“O importante é não perder a inocência, ficar sabido não adianta nada, a gente acaba erudito. A postura autêntica é aquela de quem se admira daquilo que fez. O Quintana é um exemplo, cada dia mais lúcido e mais menino. Portinari era outro menino. Um professor, um técnico, são gente que formulam o que já sabem. O artista não”.

MAIS DIFÍCIL ESCREVER

Se tivesse de reconectar, o escritor não sabe nem pode imaginar o que seria, pois dentro de seus conceitos essa premeditação deixa de existir. Ele tanto poderia começar a es-

crever como tocar bateria de jazz. Aliás, a autocritica tem-lhe tornado cada dia mais difícil a tarefa de escrever.

“Estou mais exigente, vejo com maior clareza e discernimento as minhas impropriedades de linguagem. Antigamente, eu andava arrombando portas abertas, agora não é bem assim”.

Ainda que rigoroso consigo mesmo — o que significa correção do próprio texto — ele acredita na total irresponsabilidade no momento de criar. A orientação ao ato de criação só pode, portanto, ser posterior a ele. “Às vezes, a criação é algo quase mediúnico”.

A inquietação existente no ar, as condições sociais e econômicas do novo, a proibição de importação de livros no país, a censura e os preconceitos de toda ordem, a perigosíssima autocensura, o jogo dos interesses financeiros, as ingerências da atualidade brasileira não escapam à sensibilidade do autor mineiro. Ele indica, imediatamente, esses fatores, como provocadores de reflexos sérios e graves sobre o

setor de comunicações de massa.

“O processo de criação”, afirma, “é uma reflexão dentro da realidade, e não uma ruptura. É um processo eminentemente interior que se exterioriza, e o que acontece é que a verdadeira criação pode estar sendo sufocada em função da falsa criação, e isso não tem nada a ver com censura, mas com o clima de insegurança. Não se pode responsabilizar a censura por todas as burrias e omissões que ocorrem no país. Isso decorre de coisas mais profundas como distribuição de renda, industrialização, desonestidade, tudo meio natural num país em processo de crescimento vertiginoso e sem diretrizes. A censura, ali, entra apenas como um dos elementos. É como um transatlântico lançado no mar, para ir daqui à França, sem rumo, diretrizes ou objetivos razoáveis definidos. O país está mergulhado em suas contradições”.

COMUNICAÇÃO DE MASSA

A não ser no jornal, Fernan-

Uma visita de caráter afetivo trouxe a Porto Alegre, recentemente, o escritor, cronista, jornalista, ex-editor, cineasta e colaborador do Correio do Povo, Fernando Sabino. Sabino hospedou-se na casa de Mafalda Veríssimo, onde saboreou um churrasco assado por Josué Guimarães em homenagem ao aniversário do poeta Mário Quintana. "Não preciso de nenhuma razão especial para vir ao Sul", disse Sabino, "tenho aqui amigos de sobra". Na redação do Correio do Povo, o autor de "Encontro Marcado", concedeu uma entrevista, em que relembrou os bons tempos da Editora Sabiá, falou de si mesmo — "embora goste mais de fazer perguntas do que de responder a elas" — e discutiu os velhos e os novos caminhos da literatura.

Texto de
Susana Sondermann



do Sabino não atua em qualquer outro veículo de comunicação de massa, se abstrairmos o livro dessa conceituação. Todos os meios, no seu entender, estão diretamente sob a tutela do poder.

Ele não escreve para televisão em primeiro lugar porque nunca foi convidado, e acredita que não dominaria esse veículo, na sua forma própria de linguagem. Só aceitaria um convite dessa natureza por questões econômicas. "Se me convidassem para jogar na seleção brasileira, eu ficaria muito honrado mas também não poderia aceitar... pois ou jogo da minha maneira, ou então não daria certo".

Ao contrário de Sérgio Porto, que afirmou — "a televisão é uma máquina de fazer doídos" — ele é de opinião que a televisão é "uma máquina de mistificar, uma máquina devoradora", que consome em minutos o que levou horas ou meses de preparação. Sua opinião é a de que a televisão deveria fazer como o cinema, apresentando uma mesma programação sete dias por semana.

Quando a uma recusa sistemática dos intelectuais em participar da televisão, não concorda que ela exista: "Os intelectuais não se recusam, eles são naturalmente alijados do veículo. Eu não tenho condições para ficar empregado na TV, adaptando idéias dos outros. O tipo de influência intelectual que se pode exercer não é o que nós escritores podemos ter. Eu não saberia fazer isso, assim como não faço publicidade e não daria um bom professor. A TV vai criar seus próprios artistas, existem sujeitos de criatividade trabalhando lá dentro. O que tenho contra a TV é sua efemeridade, um trabalho extremamente caro que se esgota no "panou, terminou, foi ao ar, pronto". É um veículo fabuloso, que vai criar seus próprios talentos. Os intelectuais não se recusam, eles só não têm talento para isso, e por isso se alijam.

CRÔNICA E CRÔNICAS

A crônica tem futuro? Para Sabino, não existe uma crônica, como gênero estruturado e fixo, e sim crônicas, que va-

riam e se reformulam na mão de seus autores. O cronista do presente e do futuro, no seu entender, é Mário Quintana, com seu "Caderno H": minicontos, miniestórias, minianedotas, que proporcionam uma leitura dinâmica, mais adequada ao nosso tempo.

"Os gêneros não são modelares", explica, "vão se reformulando. Hoje já se pode ler até mesmo uma biografia romaneada. Uma crônica de Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Drummond, são coisas completamente diferentes. Os gêneros são flexíveis, e nesse sentido a crônica tem futuro. Rubem Braga é o grande pai da moderna crônica brasileira, ele não tem um gênero, ele é um gênero. Pode-se fazer até crônica social ou esportiva com qualidades literárias. Eu faço anedotas desenvolvidas, são mil jeitos, cada um tem sua maneira de escrever. Há nisso um fenômeno interessante: quando eu comeci a fazer jornalismo não havia ainda essas escolas de formação profissional.

O jornalista era o escritor, quando podia deixava entrever

seu estilo. O jornalismo moderno, por seu lado, despersonalizou o escritor, pode ser feito por qualquer um sem capacidade literária, desde que formule tecnicamente bem a notícia. Prescinde-se a criatividade literária. Essa prevalência da técnica da editoração é uma deformação comum hoje em dia. Por isso não vejo um futuro para a crônica jornalística, o jornalismo tende a ser cada vez mais informativo e impessoal. Existe mesmo um certo preconceito dos jornalistas profissionais contra o intelectual e o escritor. Foram as revistas que abriram um campo novo para o escritor".

HERMETISMO

Se os jornais se abriram para rumos cada vez mais objetivos e diretos, a ficção enveredou por um caminho que confunde qualidade com hermetismo. Um autor novo, hoje, para ser classificado como intelectual, envereda por obscuras hermetismos inacessíveis ao grande público, ao invés de buscar uma linguagem mais direta, que funcionasse como um romance-reportagem.

Uma reportagem bem feita pode se constituir, sem dúvida, numa página literária moderna. O recente black-out de Nova Iorque — em suas 24 horas de terror — seria o substrato para um romance de imenso sucesso, abrindo assim uma nova dimensão.

"O ideal é que as histórias tenham começo, meio e fim. Acredito no romance vivificado, com temática do nosso tempo, e imbuído de temas e elementos eternos, tratados de forma atual. Qualquer coisa pré-determinada acho que é prejudicial, não se penso em política nem em nada na hora de botar pra fora, nem em agradar ou desagradar. O que aparece são as nossas informações, aquilo que se é, as concepções e o caráter... O fato é que não adianta treinar e treinar, na hora de jogar, o cara vai e joga, é muito diferente. O escritor escreve no escuro, é um ato solitário, e o que há de grandeza nisso é que é um ato de amor, ainda que assim esteia exorcizando seus demônios. As coisas vão evoluindo, graças a Deus não param jamais...".

Retrato em 3 x 3

Algumas perguntas do tipo pingue-pongue foram feitas a Fernando Sabino. Algumas vezes à queima-roupa, outras pensando bastante ou estranhando, ele respondeu a todas.

1. Se você fosse repórter, que três perguntas faria a si próprio?

Sabino — Uma vez fui fazer uma entrevista com Salvador Dali, e fiz essa pergunta pra ele:

— Se eu fosse um pintor chamado Salvador Dali, e o senhor fosse um repórter brasileiro, o que o senhor me perguntaria?

— Exatamente isso que o senhor me perguntou.

— E o que me responderia?

— Exatamente o que eu respondi.

Bom, mas vamos lá. Que três perguntas eu me faria? A primeira seria: qual seria a sua reação, se hoje encontrasse com o jovem de vinte anos que foi? Depois, perguntaria se é verdade que ele goste muito mais de perguntar do que de responder a perguntas. A terceira... deixa eu ver... qual seria... tenho a impressão de que essa terceira já decorreria daquilo que respondesse na segunda".

2. Sendo o próprio Fernando Sabino, como responderia a essas perguntas?

Sabino — Tenho a impressão de que fugiríamos assustados um do outro, eu e o menino. Por que e como seria essa fuga? Tenho a impressão de que a fuga seria porque o homem de hoje continua com as mesmas perplexidades, indagações e curiosidades que o menino teve, e ele não admitiria uma coisa dessas... Depois, acho mais importante perguntar do que responder, porque assim estou formulando algo para que me esclareçam e obtendo a resposta posso aprender isso.

3. Se você fosse agente do DOPS, que três perguntas se faria a si próprio?

Sabino — Faria apenas uma pergunta: por que diabo você veio parar aqui, Sabino, se não tem culpa nenhuma no cartório?

4. Se você fosse um padre, que três grandes pecados confessaria?

Sabino — Primeiro, a minha impaciência, pressa e sofreguidão diante da

vida, que me faz apanhar o fruto verde antes que amadureça. O segundo grande pecado é a preguiça, mental inclusive. O terceiro... o terceiro é o de aceitar a minha condição de privilegiado, sem abrir mão dela em favor de meus semelhantes, viver em condição social e econômica superior e não usar esse privilégio de maneira mais efetiva em função dos outros. Eu fiz, diga-se a bem da verdade, algumas tentativas de ser católico, mas fui muito pecador, e graças a Deus não sou mais católico.

5. Se fosse inimigo de Fernando Sabino, que três grandes defeitos lhes atribuiria?

Sabino — Eu diria que se ele se faz de "sabido" mas é de uma extrema boa fé, a ponto de tocar as raias da mais perfeita ingenuidade. Diria ainda que não é suficientemente burro para saber ganhar dinheiro.

6. Sendo seu amigo, que três grandes virtudes lhe atribuiria?

Sabino — Eu salientaria o fato de ser muito leal, prestimoso e solidário para com os amigos; de ser um homem aparentemente caótico, mas no fundo extremamente organizado na vida prática. Pode-se dizer também que tem um extremo senso prático, e muita habilidade para as coisas manuais, o que herdou dos pais.

7. Ser mineiro é virtude ou defeito?

Sabino — "Ser mineiro é uma virtude, desde que não se tenha nascido em Belo Horizonte".

8. Colocado no papel de um Torquemada, que três livros salvaria, antes de queima total?

Sabino — "Antes de mais nada, devo dizer que é extremamente repugnante para mim assumir, ainda que fantasiosamente, essa personalidade. Responder à pergunta é difícil, eu diria que, a rigor, não salvaria nenhum por ser uma traição a esse espírito. Ao invés de escolher três estrangeiros e três brasileiros, eu escolheria apenas um e um, com os quais poderia reconstituir toda a estrutura, em melhores bases. Eu escolheria "A Bíblia" para os internacionais, e "A Carta de Pero Vaz de Caminha" para os nossos, e assim tentaria fazer tudo de novo...".

toca disco

**Ninguém balança
melhor do
que Miltoninho**



Unicamente por preconceito, estamos deixando de lado um dos gêneros musicais brasileiros de que o povo gostou muito e, por que não dizer, no fundo todos nós ainda gostamos. E, além disso, seria uma boa oportunidade dos músicos que atual-

mente se queixam de falta de emprego voltarem a ter mercado. Acredito mesmo que, depois de passada esta onda de chorinho — ela não deve ir longe, porque as pessoas já estão descobrindo que são todos iguais — seja a vez do samba-canção voltar. Ai, estará de volta também uma época em que todo mundo sabia as letras das músicas e cantava. E incrível como, mesmo depois de tantos anos sem serem tocadas, ninguém esqueceu, por exemplo, estas músicas de Miltoninho, sucessos no começo da década de 60, reunidas, agora, neste LP *Miltoninho*, em comemoração aos 20 anos da RGE.

Miltoninho é o nosso maior cantor de samba. Frank Sinatra, antes de ser Sinatra foi crooner de orquestra, vem de lá sua grande tarimba. Miltoninho antes de ser Miltoninho foi dos conjuntos vocais *Namorados da Lua*, *Anjos do Inferno* e *Quatro Azes* e um *Curinga*. Já bem adulto, é que ele disputou sozinho, dominando o balanço como ninguém. Suas primeiras músicas gravadas na RGE foram *Recado* e *Lamento* (ambas de Djalmá Ferreira — Luiz Antônio). Mas o grande sucesso mesmo veio com *Poema do Adeus* (Luiz Antônio), em



1960. O LP reúne ótimos momentos de Miltoninho, além destes três: *Palhaçada*, *Meu Nome é Ninguém*, *Só Vou de Mulher* (de Haroldo Barbosa-Luiz Reis), *Ninguém*, *Distância*, *Lembranças*, *Confidencias* (de Raul Sampaio-Benil Santos), *Mulher de Trinta*, *Menina Moça*, *A Canção Que Virou Voce* (de Luiz Antônio), *Poema do Olhar* (Jair Amorim-Evaldo Gouveia), *Cheiro de Saudade* (Djalma Ferreira-Luiz Antônio), *Agora é Cinza* (A. Barcelos-A.A. Amaral), *Despedida de Mangueira* (B. Lacerda-A. Cabral), *Formosa* (Vincius-Baden), *Boneca de Pano* (Assis Valente) e *Fita Amarela* (Noel Rosa). — DIRCEU SOARES

VINICIUS DE MORAES

ULTIMA HORA S. P.

13 | 8 | 177

• Após os vinte primeiros capítulos de "Sem Lenço, sem documento", Regis Cardoso passará a direção da novela para Denis Carvalho. Ao que tudo indica, Denis agradou.

• Ary Toledo vai participar do Brasil Especial n.º 21, dedicado a Vinicius de Moraes. No ar, em setembro.

NELSON RUBENS

Maria Creuza: "Primeiro, a imagem. O disco vem depois"

"Eu canto aquilo que gosto, aquilo que me diz alguma coisa. Não gosto desse negócio de ficar rotulando os artistas". Maria Creuza, que este fim de semana veio a São Paulo para estreiar no Teatro Célia Helena o show Zero Hora expressa dessa forma a sua irritação com as críticas e os comentários por ter tido a "coragem" de gravar uma canção de Waldick Soriano (Tortura de Amor) em seu último LP, que leva o mesmo nome do show. Zero hora, também, foi o horário escolhido para as duas únicas apresentações, na sexta e no sábado. Horário, diga-se de passagem, ideal para quem, como e — quem sabe — como grande parte de seu numeroso público, se define como "notívaga por excelência".

Maria Creuza, na opinião de muitos críticos, peca pela falta de uma maior definição de repertório, que chega inclusive, segundo alguns, a se caracterizar pela incoerência. Como exemplo, citam os autores gravados em Zero Hora: Caetano Veloso, Vinícius de Moraes, Antônio Carlos (seu marido) e Jocaifi, Roberto Carlos e Carlos Lyra, além do controvertido Waldick. Para ela, porém, não há nada de mais nessa variedade, muito pelo contrário:

— Meu repertório sempre foi coerente. Só canto música que me diz alguma coisa. Não sou sambista, no sentido que normalmente tem essa palavra, um sentido de parafernália e aquele barulho todo.

Ela conta que começou a fazer sucesso com o disco Os Grandes Mestres do Samba, uma seleção de sambas tradicionais, de um pessoal que estava meio esquecido e que agora é endeusado: Cartola, Mano Décio da Viola e outros. Estes compositores era gente considerado como tina Maria Creuza, eu já estou com uma faixa mais sofisticada, mais de elite, digamos assim".

CUIDANDO DA IMAGEM

Dentro dessa maneira de encarar seu trabalho, Maria Creuza coloca em primeiro plano a sua preocupação com a própria "imagem". Não apenas as canções, mas tudo que as cerca e vem junto com elas, se define, assim, em função dessa imagem (ou seria embalagem?): a maneira de se vestir, o tipo de penteado, a maneira de se portar nas entrevistas, a capa dos discos (o último, Zero Hora, mostra na capa interna a cantora, trajando um sofisticado vestido, deitada, em estudada pose, num sofá de um

requintadíssimo apartamento). A imagem, apesar de sua óbvia superficialidade, e talvez justamente por isso, diz mais sobre as idéias de um artista do que as suas próprias palavras. O assunto, porém, é mais apropriado para o terreno do marketing do que da arte.

A afirmação de muitos críticos, a respeito de seu novo LP, era, assim, discutir se Maria Creuza estaria ou não tentando mudar sua "imagem". A cantora, categórica, faz questão de desmentir estas especulações sobre assunto tão essencial para sua carreira: "o que está havendo, na verdade, é um reforço de imagem. O consumidor do meu disco não pede a música tal, de Maria Creuza. Ele pede Maria Creuza, simplesmente".

POR PURO GOSTO PESSOAL

Na sua opinião, o repertório depende mesmo é de seu gosto pessoal: "eu não vou gravar medalhão só porque é medalhão. Eu gravo Vinícius e gravo também o Waldick. Acho que todos são artistas e devem ser respeitados". Como acontece com todo LP, em Zero Hora existem algumas canções que são as preferidas pela intérprete. Neste, além da controvertida Tortura de Amor, de Waldick Soriano, as favoritas são Dom de Ludir, de Caetano Veloso ("a letra é maravilhosa", diz ela) e Palavras Cruzadas, de Antonio Carlos e Jocaifi.

Para ela, este LP é uma continuidade da linha de repertório iniciada com o disco Eu Sei Que Vou Te Amar, que foi gravado na Europa e teve os direitos comprados por uma gravadora brasileira. "Foi com este tipo de repertório que eu ganhei prestígio", completas, segura de suas escolhas.

Após as apresentações de seu show em São Paulo, Maria Creuza volta para o Rio de Janeiro, onde a esperam seus três filhos e a necessidade de começar um novo show, que deverá estreiar em outubro. Será um show bem diferente do que ela está apresentando aos paulistas, um trabalho mais teatral, com texto, poemas, cenário e marcação. Maria Creuza, com isto, pretende entrar numa linha de espetáculos mais aparentada com o trabalho de Elis Regina e Maria Belânia, que tentam unir o musical ao teatral.

Em São Paulo, o show terá direção de Raul Cortez. A única dúvida é quanto ao diretor no Rio de Janeiro: o mais provável é Fauzi Arap, mas ainda não é certa a sua participação.



UH-REVISTA

FOLHA DA TARDE - SP

13 / 8 / 77

Geraldo Vietri...

Como ainda tem muito tempo pela frente, resolveu iniciar somente em setembro seu trabalho com vistas à próxima novela das sete da noite. O autor, embora tenha preparado uma primeira sinopse, já aprovada pelo alto comando de novelas do Sumaré, prefere terminar até o fim deste mês o filme "Adulterio Por Amor" e vem se dedicando inteiramente a este trabalho.

O programa...

"Brasil Especial", que a Globo já começou a preparar focalizando a carreira de Vinicius de Moraes, contará também com as participações de Angela Maria, Alaide Costa, Paulo Tapajós, Célia, Cristina Buarque de Holanda, Tito Madi, Roberto Paiva, Paulo Nogueira, Eduardo Gudin, Marília Barbosa e Telma. Na última quinta-feira, Vinicius gravou alguns depoimentos ao lado de companheiros do tempo da Bossa Nova, como Carlos Lira e Ari Toledo.

O telejornal...

"Painel", há apenas duas semanas no ar, vem demonstrando qualidades e se ainda não está no ponto, é por causa de alguns probleminhas que deverão ser superados com o tempo. O que não está agradando muito é o horário em que vai para o ar. Decididamente, à meia-noite, grande parte dos aparelhos já está desligada.

FERREIRA NETTO

VINICIUS DE MORAES

Praça do Forte, sim senhor

Que nos desculpe o Prefeito Tamayo, mas insistimos em que seja dado o nome de Praça — ou Parque — do Forte ao

novo jardim da cidade, no Arpoador. Garota de Ipanema, a magistral composição de Tom e Vinicius, já cumpriu sua trajetória de glória, aqui e no estrangeiro, mas ficará evidentemente fora de foco como designação do novo parque. A referência ao Forte, além de ser espontânea, pela origem, terá o mérito de perpetuar uma tradição principalmente quando, em futuro mais distante, todos os nossos fortes forem desativados. Permanecerá, então, como uma romântica reminiscência.

Cinema em casa

De acordo com uma pesquisa feita nos Estados Unidos, dentro de oito anos as salas de projeção terão se tornado "obsoletas", pois o público estará vendo os filmes em casa, em vídeo-cassetes ou discos, e não nos cinemas tradicionais.

Talvez pensando nisto, a Twentieth Century Fox resolveu sair na frente: como a venda de aparelhos de repro-

dução de vídeo-tape aumenta a cada dia nos Estados Unidos, a produtora anuncia que vai colocar no mercado nada menos do que cem filmes de sucesso — entre eles, "M. A. S. H." e "French Connection" —, que poderão ser comprados (ou alugados) em fita. Ainda não há um preço de mercado, mas a pesquisa feita prevê que, em 1985, cada vídeo-cassete não custará mais do que 10 dólares (Cr\$ 150).

Dessas super-produções da Fox, para consumo direto, apenas um filme tão cedo não será incluído no pacote: "Star Wars", que deverá ser reprisado "pelo menos até o ano 2.000", já que é considerado o "Vento Levou" dos anos 70.



Uma cena insólita de "Chuvras de Verão", o novo filme de Cacá Diegues: ao lado de Marieta Severo, quem a esta é nada menos que o ator Daniel Filho.

COLUNA DE CARLOS SWANN

Tudo como dantes

Há tempos, Swann noticiou que a Praça Inhangá, em Copacabana, havia sido invadida por camionetas de aluguel. O estacionamento (ilegal), dia e noite, levava ao desespero os moradores das vizinhanças. Além disso, os motoristas e seus ajudantes primavam pela falta de educação e civilidade: dormiam nos veículos, podiam ser vistos embriagados, conversavam em voz alta, diziam palavrões. A denúncia funcionou: a malta foi proibida de utilizar a Praça Inhangá, que voltou à paz. Mas isso foi em abril. Agora tudo já está como dantes, passados quatro meses de encolha.

O amigo do Rei

Em sua atribulada carreira para sobreviver, o compositor Mita encontrou-se três vezes com Pelé: em 1957, como vendedor de café, no Maracanã; em 1959, como policial, no vestiário do Santos; e em 1960, já como cantor, na casa da noiva de Zoca, irmão do "Rei". Mas só agora, vinte anos após ter começado a carreira, Mita passa a ser conhecido: acaba de gravar seu segundo LP, embora tenha uma centena de músicas gravadas por cantores de sucesso, inclusive Roberto Carlos. Ele conheceu Pelé quando ambos eram crianças e ganhavam a vida como engraxates em Bauru.

A propósito da nota publicada ontem sobre a verdadeira origem do sanduiche hamburger, do Kasseler e das salsichas tipo Viena, um leitor atento e prestimoso apressou-se em informar a Swann que o sanduiche Bauru nasceu realmente na cidade paulista que lhe deu o nome. Mais precisamente no Bar Ponto Chic, no Largo Santa Efigênia, onde se difundiu o costume de alguns estudantes que comiam um pedaço de bife com uma rodela de tomate dentro do pão.

Gota D'Água

- Verinha e Eurico Lira foram anfitriões de um importante jantar na noite de quinta-feira, que tinha como homenageado o Almirante Edy Sampaio Spellet, que estava acompanhado de sua elegante mulher e tinha ao redor da mesa, os casais Almirante Carlos Auto de Andrade, Maximiniano da Fonseca (que está com altos planos para o Clube Naval, do qual é presidente), Newton Braga de Faria e os casais Generais, Walter Pires de Carvalho Albuquerque e Luiz Self Sellman.
- Vivi Nabuco afivelando as malas e voando para Olinda, onde vai assistir às tomadas de cena da Batalha dos Guararapes.
- O importante advogado internacional José Assis de Almeida voltando de Assunção, onde acabou de concluir negociações, para a implantação, no Paraguai, de um grande projeto agropecuário para o Grupo Espírito Santo, no valor de 50 milhões de dólares.
- O Embaixador Ilmar Pena Marinho, despedindo-se do Rio, jantando no Concorde. Na mesma noite, também lá um grupo dos mais animados: Vinicius de Moraes e sua Martita; Maria de Fátima e Mário Prioli; e Ronaldo Bôscoli, sozinho.
- Yonia Guinle terminou mesmo seu noivado mineiro. Aliás, uma noite dessas eles se cruzaram na porta do Ré-gine's e nem se olharam.
- Muito sucesso no Salão dos Decoradores o estande da **Decore**. Ao fundo, Ibrahim Coury.
- Manoel José Homem de Mello, que mudou-se do Hotel Sheraton para um apartamento da Aires Saldanha, tem seus olhinhos portugueses repartidos atualmente entre a loira Bia Lopes Gerdau e a não menos loira Estela Brandão.
- Fazendo grande sucesso a linha de móveis e sofisticados objetos de casa da nova linha Elle Et Lui.
- Grupo only for woman em altos fuxicos jantando no **Bella Blú ontem: Carmem Mendes Viana** (fuxicos diplomáticos antigos), **Helô Amado** (fuxicos de moda e alguns intelectuais) **Jacira Tomé** (fuxicos da vida das amigas) **Marisa Murray** (fuxicos sobre traduções de peças teatrais) e **Nely Ribeiro**, a outra (fuxicos sobre um determinado milionário paulista...)
- Lady Francisco estava maravilhosa na tarde de ontem, recebendo o prêmio a que fez jus no Festival de Cinema de Brasília, onde **Tenda dos Milagres** foi o grande campeão.
- As meninas do Balé Noves Fora preparando as sapatilhas para o reencontro de dança contemporânea, na noite de segunda-feira no Museu de Arte Moderna. O grupo apresentará o balé **Tango** e depois afivela as malas rumo a Paris.
- A Chave das Minas, um ótimo caminho. No Teatro Ipanema.
- Tendo como anfitrião o elegante Victor Costa e Silva, a alta cúpula dos preços foi conhecer o Antiquarius. Em torno da mesa, os craques do assunto, Rubens Noé Wilker, José Luiz Paixão, e José Carlos Arreguy. Na hora da conta, o sóbrio Wilker a examinou detidamente, depois esboçou um sorriso, vendo que estava tudo em ordem, e até aceitou um Amaretto para brindar.
- Noite incrível chez **Pedro Espírito Santo**. Segunda eu conto.
- Irina (elegantíssima) e José Henrique, o homem do Paço São Luiz, comemorando com muito **champanhe** o sucesso do Paço São Luiz. Na mesma mesa, o casal Norma e Ronaldo Atilio.
- Afivelando as malas para voar para os States, o médico **Absalam Filgueiras**, que no Brasil foi o introdutor da **Fotoquimioterapia**.
- Altas vendas do romance **Noite Grande**, do escritor **Permínio Asfora**, principalmente nos meios da **inteligentzia**.

Coisas da idade

O fato é que tenho sido um crítico severo da TV-Globo. E justamente por isso creio ter autoridade e moral para uma auto crítica. Ou seja: dou a mão à palmatória. Sim, é hora de confessar que nos últimos tempos a Globo partiu para uma abertura total. Prima pelos programas populares e, principalmente, mergulha nos dramas sociais. As novelas, por exemplo, passaram a refletir todo o drama de nossa sociedade, desde a decoração de um apartamento até a escolha de um vestido. Isso sem falar no português bem articulado e nas frases perfeitas para as mais diversas ocasiões. E o Jornal Nacional? Não perco nunca, mesmo quando temos visitas. Uma loucura: emoção após emoção. Como no Globo Repórter: fico louco à espera de todos os "próximos seguimentos". O Hoje, por sua vez, gosto mais aos sábados, que é dia de dose dupla. Também não perco aquela música de encerramento que faz "tchurithutcuritu" com os quadradinhos rolando. Ah, não poderíamos deixar de falar da "Praça da Alegria". E simplesmente maravilhoso, embora minha avó insistia em dizer que o título está com uma falha técnica:

— O nome verdadeiro — diz vovó — é "Praça da Alergia".

Claro que tenho tratado de negar essa possibilidade, mas vovó é teimosa e minuciosa:

— Alergia à inteligência — afirma vovó.

Coisas da idade, é claro. Tanto isto é verdade que vovó, que tem paixão por humorismo, detesta o "Planeta dos Macacos".

— Sou mais o Jornal Nacional — justifica ela.

Como já disse, são coisas da idade. A boa velhinha não entende que a Globo passa a vida pensando na gente, como eles mesmo dizem: "Televisão total".

Enfim, meu obrigado à Globo. É uma pena que a realidade seja em preto e branco. — TARSO DE CASTRO

As arcadas presentes

A comemoração dos Cursos Jurídicos do Brasil devolve aos acadêmicos de Direito o relevante papel que desempenham na formação da Sociedade Brasileira.

O espírito liberal, fundador da estrutura comportamental do direito, marcou de forma indelével todos os eventos. Gofredo da Silva Telles despertou a auto-crítica nacional com a Carta aos Brasileiros; O Museu da Imagem e do Som mostra fatos históricos dos episódios mais marcantes da vida social brasileira e o Museu de Arte Moderna expõe sob o título "Colecionadores das Arcadas" o universo cultural de alguns de seus mais destacados alunos. Esta exposição é curiosíssima porque acima de tudo revela o padrão de gosto de homens (entre eles o prof. Miguel Reale) que desempenharam funções altamente significativas na condução política e cultural do País.

E sem a pretensão de uma análise semiológica, pode-se afirmar que as obras de alguns dos colecionadores demonstram claramente que a elite pensadora da geração dos que tem mais de cinquenta anos formou-se nos parâmetros acadêmicos do direito, já que, após a década de 30, divide essa

tarefa com a Faculdade de Filosofia de S. Paulo.

A expôz dos colecionadores das Arcadas ainda oferece um outro lado interessante: muitos dos advogados ligaram-se às artes plásticas direta ou indiretamente. O humanista Fernando Millan dedica-se de corpo e alma à Galeria Fernando Millan; Francisco Luiz de Almeida Salles não só desenvolve intensa atividade cultural na área de artes plásticas como na do cinema; Paulo Mendes de Almeida, como historiador e crítico de arte, exerce uma função estética das mais representativas; Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro Neto é também historiador e diretor do Museu de Arte Sacra; Flávio Pinho de Almeida é um dos diretores do Museu de Arte Moderna; Arthur Octavio de Camargo Pacheco é o criador e diretor da Galeria Cosme Velho; Renato Magalhães Gouveia, criador e diretor do Escritório de Arte Renato Magalhães Gouveia; Roberto Pinto de Souza funde-se com a imagem do Museu de Arte Brasileira e a Fundação Armando Alvares Penteado e José Mindlin, Severo Gomes, Armando Costa de Abreu Sodré, Roberto Costa de Abreu Sodré, cada um ao seu modo, emprestam significativos serviços à arte e a cultura nacional ou como políticos ou ainda como argutos colecionadores.

As Arcadas continuam presentes. — RADHÁ ABRAMO

Volta ao ninho

Leio em grandes cartazes murais no Rio que "Cesar de Alencar volta ao ninho". Imagino que deva ser ninho de cobras. Pelo menos é o que se deduz quando se conhece o sr. Cesar de Alencar, um dos mais insensíveis delatores de colegas logo após o primeiro de abril de 1964.

Lembro-me dele, por exemplo, quando eu acabava de ser convidado para assumir a direção geral da Rádio Nacional, logo após a posse de João Goulart. Entre Porto Alegre e Brasília fiz escala no Rio. Foi o que bastou. Cesar pegou o avião em que eu ia e mostrou-se imensamente desejoso de assumir o segundo posto na rádio e até mesmo o meu lugar, pois eu lhe dissera que não pretendia assumir tal cargo.

Cesar de Alencar, durante a viagem toda, quis provar por "A" mais "B" que sempre fora o maior getulista e o maior janguista da terra. E assim prosseguiu. Hospedou-se no mesmo hotel,

quarto ao lado. Insistiu que queria ver o presidente. Implorou. Tentou provar que no Brasil ele era o maior conhecedor de rádio.

Pois não aceitei mesmo o cargo, pois já então a Rádio Nacional era um autêntico ninho de cobras, e nem Cesar de Alencar foi nomeado. O presidente já sabia quem ele era. Tinha a sua ficha completa.

Depois de 64 ele assumiu a direção da mesma rádio sem ser nomeado e à revelia de qualquer ato oficial. Aproveitou a oportunidade para sanear de "subversivos" os quadros de funcionários. Muita gente ficou desempregada da noite para o dia. Mário Lago foi parar na cadeia. Até que alguém notou que havia lá um diretor ilegal e abusivo.

Depois disso ele ainda andou tentando a volta ao ninho. Não conseguia. E eis que agora ele retorna triunfante. Mas retorna velho, gagá, senil, trôpego, murcho, assim como uma espécie de Gustavo Corção das ondas hertzianas.

Nem é o canto do cisne. É o canto do dedo duro mesmo — JOSUÉ GUIMARAES

Números musicais

Há, no Brasil, algumas pessoas tão ligadas à música popular que, além de colecionarem discos bem antigos, se dão à pachorra de decorar os números que vêm nas suas etiquetas, mesmo daqueles velhíssimos 78 rpm. Então, um diálogo entre eles, quase sempre é assim:

— Gosto mais de Orlando Silva no 7.865, lado B.

— O que é isso? Precisa ouvi-lo no 8.018, lado A!

— Pois bem. Agora, estas pessoas poderão exercitar muito mais suas memórias numéricas. Todas as músicas já gravadas no Brasil estão recebendo um número no Ministério da Educação e Cultura e, sobre este número, é que serão recolhidos os direitos autorais. Os discos novos, inclusive trazem estes números logo após o nome de cada música.

Podemos imaginar então o diálogo entre dois colecionadores fanáticos de música antiga:

— O n.º 60.108.487 é a melhor música brasileira.

— Eu já prefiro o 60.049.103.

— Entre os mais recentes, gosto mais do 60.049.111, já bem próximo à bossa nova.

— Já na bossa, a maior realização foi 60.108.371.

Nesta altura da conversa, entra um terceiro que ainda não decorou bem os números e diz, categoricamente:

— Para mim, a melhor música de todos os tempos é 60.079.584.

Diante de tal afirmação, os dois primeiros fecham a cara e expulsam o terceiro da sala.

Nota — para entender esta história, é preciso "traduzir" os números: 60.108.487 é As Pastorinhas, (de Noel-João de Barro); 60.049.103, Chão de Estrelas (Sílvio Caldas-Orestes Barbosa); 60.049.111, Eu Não Existo Sem Você (Tom-Vinicius); 60.108.371, Samba De Uma Nota Só (Tom-N.Mendonça) e 60.079.584 é uma música horrível, de um tal Altay, lançada recentemente por Wanderleia. — DIRCEU SOARES

Coisas do rádio

"Rita, acorda! Izabel, pula da cama. Vamu trabaia! E a Fátima? Tá escuitando? Alô Paraíba, Alaide, Alice, ... vamu brinca de pique?" Com um acentuado sotaque caipira ele vai apresentando músicas sertanejas, contando piadas, apitando, dando a hora a toda hora e badalando uma sineta, supostamente para acordar seus ouvintes para mais um dia de trabalho. São quatro e meia da manhã, quando na Rádio América anuncia-se que "para apresentar este programa alegre que é o LARGO DO CAFE, aí vem, com seu carro de boi, SETE BELO, o apresentador simpático!" (Palmas, gritos, apitos). E o Sete Belo entra e faz a sua festa.

É na veiculação de publicidade que os programas de linha sertaneja têm suas características mais marcantes. No LARGO DO CAFE, por exemplo, além da constante execução de jingles especialmente elaborados em estilo de moda de viola, o apresentador simpático, Sete Belo, faz o maior "merchandise" para o seu patrocinador exclusivo, o Café Moka, "que é muito bom com pipoca". Se ele está falando de galinheiro, passa a falar de ovo, depois de gemada. E finaliza dizendo que a dita gemada misturada ao dito café é uma maravilha. Avisa aos seus ouvintes para tomar cuidado com a gripe, e os informa que Café Moka com pinga, cura qualquer uma. E vai por aí a fora.

No meio de tudo isto, eu ainda ouvi uma música de Leonildo Sachi, interpretada por Léo Canhoto e Robertinho. Para os que não conhecem, aí vai a letra de "O presidente e o lavrador":

Excelentíssimo senhor presidente. Aqui estou na vossa frente com muita admiração. E o brasileiro que vos fala nessa hora. Por favor me ouça agora. O nobre chefe da nação.

E com respeito que venho a vossa presença. Falar com Vossa Excelência. Para olhar pra gente nossa. Venho pedir para o senhor, bom presidente. Olhai pela minha gente. Que trabalha lá na roça.

Pertence a eles e eu falo de coração. Se for preciso beijo a mão. Desse povo tão ordeiro. Bato no peito, grito alto, falo sempre. Sou filho de boa gente. Eu sou filho de um roceiro.

Vim da roça está fazendo muito tempo. Me lembro a todo momento do meu povo do interior. Porque meu sangue é de um povo hospitaleiro. E sangue de brasileiro. E sangue de lavrador.

— YACOFF



Garota de Ipanema em 77 reflete a nova mulher?



Márcia Rodrigues



Heloísa Eneida

Heloísa Eneida, a verdadeira Garota de Ipanema, inspiradora da música/sucesso internacional do mesmo nome, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, hoje uma senhora casada, encantando São Paulo; Márcia Rodrigues, que a representou no cinema, no que foi uma das primeiras super-

produções cinematográficas nativas, representam dois momentos da mulher ipanemense, carioca, brasileira. Como será a Garota de Ipanema hoje? Mulher/objeto, intelectual, liberada, participante, loura, morena? Quem será a Garota de Ipanema/77?

VINÍCIUS

O show que iniciou um delírio no Rio

A idade dela é indefinida. Lembra que é de Valença, no Estado do Rio, neta de escravos e filha de cantador de viola e que aprendeu a cantar ouvindo sua mãe entoar jongs e pregões à beira do rio que passava atrás de sua casa. Ele é mineiro "e, como tal, desconfiado". Assim que chegou ao Rio, meio parceiro de Vinicius de Moraes, conheceu o poeta Aldir Blanc. Hoje canta em bailes de formatura, mas também faz shows em fábricas, universidades e "em praça pública se preciso for".

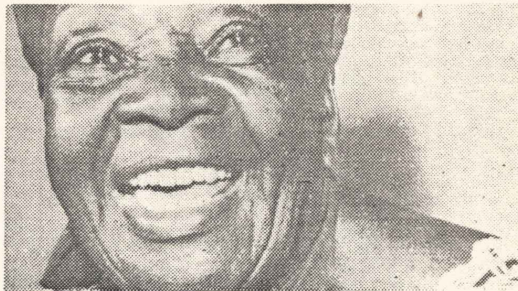
Clementina de Jesus e João Bosco, a carioca e o mineiro, formam a dupla que fica de hoje até sexta-feira no Teatro Pixinguinha (rua Dr. Vila Nova, 245) nos shows das seis e meia da tarde. Foram exatamente os dois que há um ano fizeram o primeiro espetáculo da série Seis e Meia, no Rio de Janeiro.

Segundo Hermínio Bello de Carvalho, coordenador do Projeto Pixinguinha "o público enlouqueceu. João

mal conseguia cantar de tanta emoção. E quando a "nega véia" (ela mesma se chama assim) entrou no palco, quase nem pôde cantar. O Ronco da Cuica cantada pelos dois ao final do espetáculo provocou um verdadeiro delírio".

Nestas cinco noites de show eles deverão repetir algumas das músicas mostradas em agosto de 76, no Teatro João Caetano. Clementina de Jesus, a Quelé, mostrando suas batucadas,

lundus, pregões cantos de trabalho e partido-alto. João Bosco, cantando através dos versos de Aldir Blanc, "as mazelas da vida, numa identificação com aquele povo que viaja pendurado nos trens da Central e que forma o bloco dos pintados fotografos no Rancho da Goiabada". Oroteiro e a direção do espetáculo são de Oswaldo Loureiro. Os ingressos à venda na bilheteria do teatro, custam Cr\$ 10,00.



Clementina, a "Nega Véia", hoje no Pixinguinha.

NOTÍCIAS POPULARES - SP

16/8/77

As bastidorecas...

●●● Hoje serão feitas as gravações das cenas do casamento de Rosália (Nívea Maria) e Heitor (Rubens de Falcão), para a novela "D. Xepa". Os trabalhos terão lugar na Igreja de Santa Margarida Maria, no Rio. O casamento vai ser mostrado nos capítulos 87 e 98.

●●● Também hoje, no Teatro Globo-Rio serão

feitas as últimas gravações de Brasil Especial n.º 22 que focaliza Vinicius de Moraes. O programa irá ao ar em setembro e contará com a participação de Angela Maria, Alaide Costa, Paulo Tapajós, Célia, Cristina Buarque, Tito Madi, Roberto Paiva, Paulo Nogueira, Eduardo Gudin, Marília Barbosa e Telma.

AGNES ROBERTA

VINICIUS DE MORAES

Rio de Janeiro,
terça-feira,
16 de agosto de 1977

Ultima Hora / Revista

Amado, lúcido e mágico

Ao mesmo tempo em que cento e vinte mil exemplares do último romance de Jorge Amado, "Tieta do Agreste", chegam às livrarias de todo o país, o escritor comemorou, no Rio, a passagem dos seus sessenta e cinco anos de idade. De "Cacau" a "Tenda dos Milagres", de "Suor" a "Pastores da Noite", "Velhos Marinheiros" ou "Dona Flor e Seus Dois Maridos", de "País do Carnaval" a "Tereza Batista Cansada de Guerra", o que vemos é um aprofundamento na mesma direção, do homem concreto e da vida agora, a Bahia como síntese de uma cultura.

Amanhã ele estará voltando à sua Bahia amada. Mas hoje à noite, precisamente às nove e meia, a TV Educativa coloca no ar um programa especial, em que mostra "O Mundo Mágico de Jorge Amado". Há depoimento daqueles que a ele estão vinculados sentimental ou profissionalmente, como Dorival Caymmi e Vinícius de Moraes, Bruno Barreto e Walter Avancini, o crítico e ensaísta Affonso Romano de Sant'Anna e a professora Lygia Marina de Moraes, Odylo Costa, filho e o editor Alfredo Machado. E há também o depoimento do povo, que conhece ou não conhece Jorge Amado. E há também uma longa entrevista, na qual Jorge - frente ao repórter Araken Távora - diretor e apresentador do programa, se revela de corpo inteiro.



NO sofá amplo, emoldurado por uma grande estante repleta de peças de artesanato recolhidas pelos mais diferentes caminhos do mundo, Jorge Amado - camisa esporte vistosa e sandálias repousantes - abre um parêntese em sua frenética passagem pelo Rio, marcada por almoços e jantares festivos ao longo de dez dias, para conceder a entrevista prometida. A distância, Zélia - sua mulher - e Paloma - a filha - observam.

- Você, que já traçou em seus romances o perfil de mais de três mil personagens, como é que traça o seu auto-retrato?

- Eu não sei se é possível fazer o meu auto-retrato, não sei se me conheço tanto assim. Fui um menino grapiúna, nascido numa fazenda de cacau, no município de Itabuna, num lugarzinho chamado Ferradas. Muito menino ainda, fui para Ilhéus, onde meu pai teve uma tamancaria. Fui um menino das ruas de Ilhéus, como Adonias Filho, por exemplo. Essa minha primeira infância está marcada, sobretudo, pelas grandes lutas que se processavam então, no começo do século, pela posse das terras, aquela época florestas virgens, pelo seu desbravamento para o plantio do cacau. Foram lutas terríveis, sangrentas. Como eu disse em um dos meus livros, o solo foi adubado com sangue.

- Meu pai foi um desses conquistadores de terras, um desses desbravadores de matas, um desses homens que participaram daquelas lutas. Eu tinha dez meses quando ele foi ferido. Estava ao seu lado, quando um coronel de outro grupo mandou que os "jaguinhos" atirassem nele. Meu pai foi ferido três vezes nessas lutas e eu guardei uma marca muito funda dessa epopéia, dessa saga da conquista da terra do cacau, que haveria de recriar, muitos anos mais tarde, em "Terras do sem fim", em São Jorge dos Ilhéus, em "Gabriela, Cravo e Canela".

- O menino que aparece em "Terras do sem fim" tirando da urna os nomes dos jurados para o júri do "Coronel Horácio", do romance - e que, na realidade, foi o "Coronel" Basílio de Oliveira, um grande amigo de meu pai - aquele menino sou eu. Um menino que, mais tarde, iria para um colégio de padres na Bahia - o Colégio Antônio Vieira - onde alguém, pela primeira vez previu para esse menino uma carreira de escritor: o padre Luiz Gonzaga Cabral, célebre orador sacro, jesuíta vindo de Portugal, um homem a quem eu muito devo. Foi ele quem me incutiu o gosto pelas primeiras leituras. Ele foi quem colocou nas mãos daquele menino de doze anos autores de grande força. Ele me fez ler as histórias de Gulliver, ele me fez ler Dickens, ele me fez ler os primeiros autores clássicos, como Walter Scott, e os clássicos portugueses. Fez com que, desde menino, eu amasse Camões, em vez de odiá-lo. Os outros odiavam Camões, porque tinhamos que aprender análise gramatical através dos versos de "Os Lusíadas" e o predomínio estava aqui e o sujeito estava vinte versos antes, ou vinte versos adiante, o que fazia com que todos os meninos odiassem Camões. Mas o padre Gonzaga Cabral fez com que eu o amasse desde cedo, pois, ao lado de "Os Lusíadas", colocou em minhas mãos os maravilhosos sonetos de Camões. Acontece que, numa prova de redação (ele era professor de português), para a qual o tema era o mar, a redação feita por mim chamou a atenção desse padre, que, ao lê-la, em classe, profetizou: "Esse vai ser um escritor", talvez tenha sido ele o responsável por todas essas páginas que eu tenho escrito em minha vida.

Jorge pigarreia, senta-se sobre a perna e prossegue: - Mas o colégio era uma prisão para mim. Eu era um menino inquieto, terrível. Tinha treze anos, já fazia dois anos que entrara para o colégio, quando dali fugi. Fugí e atravessei todo aquele sertão da Bahia e de Sergipe, sendo este o meu primeiro grande contato com o povo. Eu já tivera um contato com a vida da gente do povo, nas fazendas de cacau, com os trabalhadores de Ilhéus. Mas essa viagem pelo sertão me marcou profundamente. Quando voltei à Bahia, fui muito mais livre. Fui estudar em outro colégio - o Colégio Ipiranga - e, ao mesmo tempo, com quatorze anos de idade, comecei a trabalhar em jornal e vivi a juventude mais livre possível. Foi uma beleza a minha adolescência, nas ruas da cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, misturado com o

povo, quando, então, eu comecei a viver a realidade mágica da Bahia dos candomblés, das escolas de capoeira, viajando por todo o Recôncavo baiano nos saveiros...

Olhar distante, perdido no tempo, Jorge continua a evocar:

- Eu tive uma adolescência maravilhosa, com um grupo de amigos extraordinários, alguns dos quais são figuras que se tornaram nomes nacionais, como o etnólogo Edson Carneiro. Juntos, ele, eu, Sosígenes Costa, Dias da Costa, Avron do Couto Ferraz, Alves Ribeiro, João Cordeiro, Walter da Silveira, fundamos uma coisa a que demos o nome de "Academia dos Rebeldes", influenciados um pouco pelo Modernismo. Nós vivíamos uma vida solta nas ruas da Bahia, num contato muito íntimo com a vida popular, nas feiras, nos mercados, comendo sarapatel à meia-noite na Feira de Água dos Meninos, indo aos candomblés. Ainda há poucos dias Mãe Menininha do Gantois recordava o dia em que ela me conheceu, em companhia de Artur Ramos, outro grande estudioso de tudo que se refere à vida do negro brasileiro. Eu era um menino e ela era também uma mocinha, uma jovem "mãe-de-santo", quando, juntos, nos batemos para fazer frente à terrível perseguição religiosa de que eram alvo as religiões africanas no Brasil. Os candomblés eram perseguidos pela polícia, incendiados, violentados, "pais-de-santo" surrados. Eu haveria de reconstruir essa epopéia em alguns dos meus livros - "Jubiabá", "Mar Morto" e, sobretudo, em "Tenda dos Milagres", publicado em 1969 e que, agora, meu amigo Nelson Pereira dos Santos transformou num filme que está sendo recebido com um grande entusiasmo pela crítica.

Jorge retoma o fio das lembranças:

- Nós nos batemos diariamente ao lado do povo da Bahia, sobretudo, em defesa do seu direito de ter uma religião e de dançar suas danças, e capoeira, o samba de roda. Tudo isso, naquele tempo, era visto com maus olhos e, hoje, serve de fonte de receita turística. Eu fui muito amigo de um pai-de-santo chamado Procópio, talvez o mais perseguido dos sacerdotes no Brasil. Ele tinha as costas marcadas pelo lanho do chicote das surras apanhadas na polícia, na luta com o célebre delegado Pedro Porfírio. Dele recebi o meu primeiro título do candomblé, porque eu me bati ao lado dele e consegui recuperar os atributos dos orixás, que tinham sido levados do seu "peji", seu candomblé; através de amigos, consegui que fossem restituídos. Foi ele, então, que me levantou ao Grande Oxossi, naqueles idos da minha primeira juventude, da minha adolescência.

E ele conclui:

- Até hoje, sou esse mesmo homem, esse mesmo baiano. Vivi por esse mundo todo, viajei com pouca gente tem viajado, passei muitos anos fora de minha terra, só de uma vez fiquei cinco anos seguidos na Europa. Mas continuei aquele mesmo baiano, marcado pela cor, pelos perfumes, pelos odores, pelo gosto das coisas baianas: o gosto de pimenta, do azeite de dendê, o gosto de gengibre, pela cor do mar da Bahia, pelo romantismo e pelo sensualismo baiano. Eu sempre digo que sou um baiano romântico e sensual, que habita uma nação lúcida e mágica, a Nação Baiana. Não sei o quão dizer mais. Hoje, este homem de cabelos brancos, que continua a viver na Bahia, no meio do seu povo, a mesma vida intensa do povo baiano, diariamente, não se sente um velho - não mais o adolescente que eu fui - mais um homem cujo coração continua a pulsar no ritmo do coração do meu povo.

- Qual é a sua rotina de trabalho, Jorge? Quando é que, efetivamente, seus romances ficam de pé?

- O meu trabalho de romancista tem duas fases. A primeira, durante a qual o trabalho é puramente interior, quando eu amadureço a idéia do livro: não no sentido da história, eu sou incapaz de batar de pé uma história. A história, ou o que se chama história, o entredo, ou o que se queira, nos meus livros nasce e decorre da ação dos personagens, à proporção que eu vou escrevendo. Mas a idéia do que eu quero contar, daquilo que eu quero dizer, daquilo que eu quero narrar, transmitir aos leitores, isso

leva muito tempo, desde que a idéia nasce em mim, até o ponto em que eu vou para a máquina de escrever. Às vezes, são anos e anos. Há, por exemplo, um romance que já bastante tempo estou pensando nele, amadurecendo os seus personagens, os ambientes, aquilo que eu quero dizer. Esse romance, quando chegar a ser escrito, um dia, como eu espero, se chamará "A Guerra dos Santos".

- Para escrever esse romance, eu já fui à máquina de escrever por duas vezes, tentando começá-lo. Na primeira vez, eu logo me dei conta de que ele não estava suficientemente amadurecido para que eu pudesse escrever. Na segunda vez, há menos de dois anos, escrevi duas cenas, aquelas que serão, talvez, as duas cenas iniciais. Mas novamente me dei conta de que havia ainda problemas de ordem técnica, problemas daquilo que eu quero contar e como contar, que não estavam resolvidos. Resultou que eu escrevi um outro romance, este que acaba de aparecer, "Tieta do Agreste", enquanto o outro continua em minha cabeça, na primeira fase de elaboração.

- No momento em que o livro me parece maduro, eu vou para a máquina de escrever e se, realmente, ele está maduro, eu começo a escrever. O início é sempre extremamente difícil e duro, custa muito, eu trabalho e retrabalho, quebro a cabeça e busco caminhos, a narrativa e os personagens ainda são difusos para mim. Mas, afinal, a coisa começa a se botar de pé e, então, os personagens começam a marchar por suas próprias pernas, começam a pensar com suas próprias cabeças e começam a construir uma história. Às vezes acontecem, para mim mesmo, coisas muito surpreendentes dentro do livro, que eu nunca imaginava fossem suceder. Esse último romance meu, por exemplo, "Tieta do Agreste", me veio há muitos anos: o problema da poluição. É um tema que me preocupa e que sempre esteve presente diante de mim. Eu estive muito envolvido na luta contra a bomba atômica, tomei parte em várias campanhas contra a ameaça e as experiências da bomba tômica. Vi e observei com meus olhos o crescimento da poluição na Europa, nos Estados Unidos, em São Paulo, e a vida-a-dia na Bahia.

Jorge toma folégio e continua:

- Nesses últimos dezessete anos, estou residindo mais efetivamente na Bahia. Cheguei numa cidade onde não havia poluição e vi essa cidade ser empastada, ser destruída no seu ar, no seu mar, na sua flora, na sua fauna, durante esses anos, pela poluição resultante de uma industrialização feita sem planejamento, do estabelecimento de um progresso falso, ou seja, contra o homem, não em função do homem. Vi as praias mais maravilhosas do mundo, que são aquelas praias da Bahia, serem transformadas num mar terrível, num esgoto de fábricas poluidoras. Esse tema está muito presente para mim e me pedindo muito alguma coisa. Tendo ido a uma pequena cidade de Sergipe, uma cidade que eu amo profundamente, a cidade onde nasceu meu pai e onde eu vivi por duas vezes, soube que havia possibilidade de ser implantada perto dessa cidade, que é extremamente agradável, cercada por dois rios, com peixes maravilhosos, uma fábrica que iria poluí-la completamente. E muita gente honrada do lugar, amigos meus, estavam achando ótimo, porque entendiam que assim devia ser o progresso, que há um preço a pagar pelo progresso, mesmo que esse preço seja a desgraça do homem. Felizmente, esse projeto não foi adiante. Mas, a partir desse fato, eu resolvi escrever um romance, tomando esse tema. Então, durante um período longo, desde julho de 75 a fevereiro de 76, tive o livro na cabeça, sem escrever nada, pensando como poderia ser, mentalizando como fazê-lo, qual seria a sua concepção. Vieram-me as idéias, comecei a ver os personagens, gente com a qual tratei, soma de pessoas que conheci. Finalmente, em fevereiro de 76 comecei a escrever o livro. Deu muito trabalho, apanhei muito no início, até que as coisas começaram a tomar forma e cor e eu trabalhei (com interrupções, é claro), de fevereiro de 76 a maio de 77. Nesse período, fui à Europa, para atender compromissos

editoriais, escrevi parte do livro em Londres, mas houve três interrupções por causa de viagens à França, Alemanha e Itália. Depois, voltei ao Brasil. Mas eu estava tão cheio de saudade do Brasil, tão sequioso da vida baiana, que durante três meses não trabalhei, apenas vivi. Outro dia, andei fazendo as contas com minha mulher, que me ajuda muito - ela acompanha o meu trabalho, tira cópias, me critica muito, se envolve muito, ela quer casar personagens, não quer que ninguém morra e me culpa muito pelas mortes que ocorrem. Sartre já disse que os romancistas são pessoas muito ruins e muito más, que se libertam dessa carga de maldade escrevendo romances. É possível... Mas, como eu dizia, outro dia estava fazendo as contas com minha mulher e o tempo, mesmo, de máquina de escrever, foi de sete meses, durante esses dois anos. Foi bastante difícil, para que não saísse uma coisa artificial, um panorama amplo de uma pequena cidade, de uma miséria cidade brasileira, mas onde vivem seres brasileiros normais, uma vida difícil, de um cotidiano muito limitado, muito medíocre, muito penoso e que, de repente, se vê sob a mais terrível ameaça de poluição, ou seja, aquela que é causada pela indústria de dióxido de titânio. Esse cotidiano, então, passará a ser um cotidiano de morte e não mais de vida.

- Você falou na participação de Zélia em seu trabalho. Em que consiste, realmente, essa participação?

- Ela participa muito. Primeiro, porque é minha mulher e, por consequência, tem uma influência mediata sobre mim, dado o nosso tipo de relacionamento. Ela é a primeira pessoa que lê aquilo que eu escrevo, porque é ela quem tira as cópias, bate à máquina. Além disso, ela sabe ortografia. Em termos, porque muito poucos conhecem perfeitamente ortografia. Mas eu não sei nenhuma, já atravessei umas dez reformas ortográficas, de forma que a minha ortografia é a coisa mais confusa do mundo. Além do mais, tenho as minhas simpatias. Simpatizo, por exemplo, com o "z". Podem mudar a grafia de certas palavras para "s", mas eu não mudo, sou muito conservador, sou muito fiel ao "z" como aos hotéis em que me hospedo. Cabe, pois, à Zélia a tarefa de ser a primeira a tentar corrigir a ortografia dos meus textos. Mas essa correção é relativa. Ela é seguida por uma outra revisão, feita por meu irmão, James Amado, que lê os meus originais e que, também, como Zélia, dá muitos palpites. James é um homem cuja opinião pesa muito para mim. Eu considero que é uma das pessoas que mais conhecem literatura, no Brasil. Creio que, se ele não tivesse sido desviado do seu trabalho de romancista, que tão bem iniciou, com um romance chamado "O Mar", esse teria sido, realmente, o grande romancista da família Amado. Infelizmente, como eu disse, a vida o desviou dessa tarefa e ele se voltou mais para uma série de outras atividades: para o ensaio, para o estudo, para a crítica literária. Mas, eu já disse, tanto ele como Zélia dão muitos palpites. Em "Tieta" deram tantos, que eu o fundi em um personagem, "o crítico do autor", e criei outro personagem, "o autor", que, de vez em quando, aparece no livro, para responder às críticas desse amigo dele, também subliterato como ele, a quem ele dá os originais para ler e do qual recebe várias críticas. Deu-se até uma solução engraçada: eu misturei Zélia e James, com o nome de Fúlvio D'Alambert - já aí no nome vai uma vingança minha...

- Hoje consagrado internacionalmente, Jorge, e com a certeza prévia de que cada obra sua será um "best-seller", existe em você, porventura, um sentimento de insatisfação, um sonho a ser concretizado?

- Eu acho que nenhum escritor se considera, como dizem outros que perguntam um pouco do que você está perguntando de forma menos interessante e menos, sobretudo, lírica: "você se sente realizado?" Nenhum escritor pode se sentir realizado, porque, se realizado, você deixaria de escrever. Eu escrevi, durante toda a minha vida, tentando ser útil ao povo brasileiro, fonte da minha inspiração, manancial onde bebi tudo o que sei e cuja vida, cuja realidade, procurei recriar nos meus livros, dentro dos limites das minhas possibilidades pequenas. Sinto vontade de continuar a fazê-la. Não considero, ainda, que tenha terminado a minha tarefa de romancista. Sou um romancista que, por um lado, é muito discutido pela crítica. Muito elogiado tenho sido em minha vida, aqui e fora daqui, muito atacado, muito negado, por uns considerado importante, por outros considerado apenas um autor de livros fáceis, de "best-sellers" isto é aquilo. Deve ser assim: quem está na chuva é para se molhar. Eu procuro fazer o meu trabalho o melhor possível. Lembro-me sempre que Erico Veríssimo, que foi não só um grande escritor, mas também um grande brasileiro, me dizia rindo: "Nós não somos amados pela crítica". Há um pouco de exagero, a crítica, hoje, começa a fazer justiça à obra de Erico, a justiça que não lhe foi feita em vida começa a ser feita agora. Mas eu creio que há uma coisa mais importante: é que ele é um romancista amado pelo povo. Eu acho que posso, sem vaidade - a vaidade não é um dos muitos defeitos que tenho - acho que posso dizer, sem que isso pareça vaidade, que eu também sou amado pelo povo brasileiro. Há uma coisa que eu gosto de repetir, porque é verdade, e que, por isso mesmo, eu posso dizer: eu tenho mesa posta em milhares e milhares de casas brasileiras. Em qualquer lugar que eu chegue, tenho amigos; gente que conviveu com o mundo que eu criei, com os personagens que eu fabriquei e que me considera um dos seus. Ninguém me trata de mestre, ninguém me trata com respeito de distância. Tratam-me como uma pessoa íntima, como um dos seus. Em milhares e milhares de casas brasileiras eu tenho mesa posta, como se fosse alguém da família. Sinto-me, sobretudo, muito feliz pelo fato de que, diariamente, recebo cartas de jovens, jovens brasileiros de todas as condições sociais, muitos deles, jovens extremamente pobres. Muitos estudantes, muitos trabalhadores, muita gente do povo, que me escreve para dizer que leu os meus livros e que, com a sua leitura, ganhou alguma coisa, aprendeu alguma coisa, sentiu-se mais solidário com o ser humano e mais consciente do Brasil e dos seus problemas, e da necessidade de lutar para resolver esses problemas.

Araken Távora

JORNAL DOS SPORTS

16 / 8 / 87

* Hoje, no Teatro Globo-Rio, as últimas gravações do "Brasil Especial" n.º 22 sobre Vinícius de Moraes. O programa, que irá ao ar em setembro, terá a participação de Angela Maria, Alaíde Costa, Paulo Tapajós, Célia, Cristina Buarque, Tito Madi, Roberto Paiva, Paulo Nogueira, Marília Barbosa e Telma.

* Renata Fronzi interna-se hoje à tarde na Clínica Sorocaba para uma operação nas cordas vocais. Ficará um mês em recuperação e afastada de "O Planeta dos Homens".

CIDINHA CAMPOS

Vinícius

JORGE NO ASFALTO AUTOGRAFA TIETA DO AGRESTE

Susana Schild

O anúncio publicado nos jornais prometia as presenças de Sonia Braga, Betty Faria, José Wilker, Mauro Mendonça, Martha Rocha, Vinicius de Moraes, e Dorival Caymi na festa de lançamento de Tieta do Agreste de Jorge Amado, na Mesbla. Eles não compareceram, e assim perderam a ocasião de participar de verdadeiro happening popular, onde mais de mil pessoas cercaram o escritor durante cinco horas, em frenética busca de dedicatórias, aperto de mão, um abraço ou de apenas um sorriso.

Um fã mais exaltado comprou 14 exemplares e exigiu que Jorge autografasse todos. Glauber Rocha declarou: "Para mim Jorge Amado é tudo, é um deus". Uma mulher entrou em transe e anunciou: "Jesus Nazaré é o Salvador do mundo!" E Alfredo Machado, o editor, justificou o preço (Cr\$ 160): "O livro aumentou porque o quilo da alcatra que alimenta o escritor e o editor aumentou também". As 16h 30m, exausto, com a mão latejando, Jorge Amado retirou-se; mas a venda de livros prosseguiu e naquela altura já tinha atingido a casa dos mil exemplares.



Na rápida pausa para descanso, Jorge come um sanduíche



Uma mulher foi ao choro e ao transe: emocionada



Glauber Rocha: a solidariedade da camara



A multidão invadiu a loja e cercou o escritor



As vendedoras no incessante trabalho, nas caixas registradoras

O início da festa estava marcado para 11 da manhã, mas uma hora antes extensa fila contornava os balcões de livros, bolsas e sacos de plásticos. As vendedoras, usando camisetas cor de laranja com o título do livro impresso no peito e um botão com a frase **Leve Tieta para casa**, mostravam-se infatigáveis na intensa atividade de atender os compradores. Quando Jorge chegou, começou o caos. O pequeno espaço reservado para ele e sua mulher Zélia, cercado por correntes e um biombo, foi imediatamente invadido por fotógrafos comerciais, que insistiam em bater chapas dos leitores ao lado do autor pela módica quantia de Cr\$ 100 a unidade. Entre empurrões, pedidos de cooperação, alguns gritos de admiração e abraços calorosos, especialmente entre os numerosos representantes da colônia baiana, a festa começou. O primeiro autógrafo foi para Raul Bopp, velho amigo e companheiro de casa de Jorge, quando ambos moraram no Rio, na Rua Barão da Torre.

Vestido com elegância, camisa rosa e laranja de grandes bolsos, Jorge atendia a todos com paciência. A seu lado, a presença serena de Zélia, dividida entre a alegria da festa e a tristeza de despedir-se dos personagens de **Tieta**:

— Aqui tem gente de todas as idades e posições sociais, o que revela grande interesse pela literatura. Mas estou triste por me despedir dos personagens. Enquanto o livro está sendo escrito, todos moram conosco lá em

casa. O lançamento de um livro é o mesmo que despedir-se dos filhos, e a gente assiste a sua trajetória de longe.

Zélia mostra orgulhosa uma placa de ouro que ganhou de uma amiga com a palavra **Tieta** escrita com brilhantes. Ela acompanha de perto a obra do marido, pois datilografa todos os seus livros.

— Felizmente o Jorge não me atende; se seguisse minhas sugestões nenhum personagem morreria, todos seriam felizes. Quando alguém está sofrendo demais peço a ele para amenizar um pouco, mas Jorge só aceita minha colaboração na escolha de músicas de épocas passadas.

Sem preferência por nenhum dos livros de Jorge Amado, Zélia diz que tem sempre atração especial pelo último, espécie de caçula da família. E ela só tem elogios para a novela e os filmes feitos sobre romances do marido, dizendo que o essencial é sempre transmitido.

O início da festa é perturbado com a presença de uma senhora, em prantos, que consegue aproximar-se do escritor. Balbuciando palavras incompreensíveis, das quais se destacam apenas o mote "Jesus Nazaré é o salvador do mundo e de mim", é afastada e caminha quase desfalecendo. Diz que se chama Clotilde Rodrigues, repete a sua ladainha, recusa um médico e insiste em voltar à mesa na qual Jorge Amado dá autógrafos. Lá chegando, bota as mãos no rosto e chora muito. O escritor pede um livro e dá à admiradora em transe, que

se emociona mais ainda e termina por retirar-se.

Centenas de pessoas, na maioria senhoras de meia idade, esperam pacientemente na fila e não desanimam apesar da lentidão com que anda. Dizem que vale a pena enfrentar o balcão de compras, dizer o nome à vendedora, que o escreve em pequeno pedaço de papel, e tomar lugar na fila dos autógrafos. Jovens estudantes com livros acadêmicos debaixo do braço, empresários, senhoras de chinelo, damas elegantes ostentando jóias, humildes pessoas do povo, personalidades conhecidas e até crianças organizam-se na fila, à espera do momento supremo, o encontro com o autor.

Na supervisão do happening, Alfredo Machado, presidente da Distribuidora Record. Sobre a camisa azul, de bolas vermelhas, o paletó branco, onde se destaca o botão com a frase "Leve **Tieta** para casa" em letras vermelhas. Alfredo já publicou vários livros de Jorge, mas em reedições. Este é o primeiro inédito. Ele explica porque resolveu fazer o lançamento da manhã, ao contrário da tradicional noite de autógrafos.

— A Mesbla comprou 8 mil exemplares de **Tieta** e está inaugurando livrarias em todas as lojas. É um momento fabuloso para todo editor que se resente da falta de livrarias. O horário foi escolhido porque é o de maior movimento da loja.

Machado discorda dos que consideram caro o preço do livro e explica porque mesmo uma tiragem de 120 mil exemplares resulta no preço unitário de Cr\$ 160:

— Todos os produtos são calculados em base do custo e do aproveitamento. Um disco custa mais de Cr\$ 100, um tanque de gasolina custa uma fortuna e dura apenas um fim de semana, enquanto o livro dura a vida toda. O fator que mais pesa no preço do livro é o aumento do quilo da alcatra, que tanto editor como escritor comem diariamente.

O editor diz que é muitas vezes acusado de vender livro como se vende sabonete e faz questão de se defender:

— **Tieta**, a princípio, teria 150 páginas e custaria Cr\$ 50,00, mas o Jorge se empolga com os personagens e acaba esticando até 600 páginas. Te garanto que se não fosse essa tiragem inicial — que já está no fim o livro seria ainda mais caro. E apesar do preço, a primeira edição já está praticamente esgotada e por isso já iniciamos a segunda, que terá 50 mil exemplares.

Jorge Amado, sempre paciente, continua o trabalho, só fazendo curtíssimos intervalos para falar com pessoas da família e amigos mais chegados. A seu lado, grande parte do tempo, Carlos Bastos, pintor da capa e Calazans Neto, ilustrador de **Tieta do Agreste**. Lá estão sua filha Paloma com o marido Pedro, o filho João Jorge, com a camiseta fazendo a propaganda do pai, o primo Manoel Amado. Dá abraços especiais em Odylo Costa Filho (sogro da filha), no Senador Luis Vianna Filho, Hermes Lima, Josué Montello, também cole-gas de Academia. Sellar, Negrão de

Lima, José Loureiro, Rui Santos, as viúvas de Silva Mello e Di Cavalcanti também marcam presença.

Ao lado, um pequeno grupo de pessoas observa o movimento. Alguns perguntam do que se trata, outros dizem que aparecerão artistas de televisão. Alegam em grande número, que não têm dinheiro para comprar o livro, ou então que só o comprarão no início do próximo mês. Reconhecem Zé Tralade, Ruth de Souza, Hugo Carvana, Flávio Cavalcanti, Vanja Orico, fazem comentários e vão logo embora.

A fila tem sempre o mesmo tamanho. Muitos dos compradores não se satisfazem com autógrafos: querem contar fatos e a frase "lembra de mim, sou viúva, tia, sobrinha de fulano de tal" diversas vezes ouvida. Jorge Amado concorda com todos acenando a cabeça. Zélia diz que é difícil lembrar de todas as pessoas que conhece na memória, e ele mesma muitas vezes, cumprimenta, manda lembranças, e não sabe a quem. Muitas pessoas chegam à mesa com mais de um livro, não só **Tieta**, mas obras antigas do escritor. Outros, especialmente os mais jovens, trouxeram livros que tinham em casa para serem autografados. Jorge Amado não pára um minuto, bebe uma laranja, come um sanduíche de queijo, dá beijos e abraços e prossegue sua tarefa.

A fila é feita de conhecimento e confraternização. Duas jovens Negreiras admiradas da coincidência — já haviam conhecido outra

pessoa de mesmo nome. Os sinais de cansaço que todos apresentam na fila se desfaz diante da proximidade do escritor, transformando-se em grandes sorrisos.

O movimento intensifica-se com a presença de camaras de filmagens: Glauber Rocha estaria fazendo um filme sobre o escritor e chegaria breve. Perto das 2 horas ele chega e anuncia: "Estou filmando a história". Desfila com a camara na mão, pergunta por Marta Rocha e lamenta: "Quería tanto filmá-la, ainda não a conheço".

Pálido, de camisa xadrez azul e verde, Glauber fala sobre seu filme sobre Jorge Amado:

— Olha, não é filme não, é apenas uma reportagem para mim. Não sei o que vai ser ainda, ainda vai passar, não tenho nenhuma intenção especial, afinal de contas, o cinema não é uma coisa tão séria assim. Bem, o Jorge Amado para mim é tudo, é igual a Deus.

As 15 horas — a fila ainda do mesmo tamanho — decide-se que a partir de então só receberão autógrafos as pessoas que estiverem na fila, embora o livro continue a ser vendido. No balcão, as vendedoras desacomodadas com tanto movimento neste setor, têm que atender ainda pessoas interessadas em comprar cometas. Pessoas doentes conseguem fazer a fila, e um casal com sete filhas aguarda pacientemente a vez: vieram de São Fidélis e fizeram questão de apresentar ao escritor seu homônimo Jorge Amado, de seis anos.

17-08-77 O DIA

televisão

Jorge Mascarenhas



Vinícius de Moraes ganha Especial na Aldeia e Canal 7 adia estréia

1 — Vinícius de Moraes, o poeta de Ipanema, um cara que tem banca no mercado artístico, acabou ganhando seu Especial, no Canal 4. Ontem foram gravadas as derradeiras cenas desse programa «aldeano». O programa contará com a participação — além de Vinícius de Moraes, obviamente — de Ângela Maria, Tito Madi, Mariia Barbosa, Célia e Paulo Tapajós.